

2009 - À mulher de César não basta parecer ser séria...

À mulher de César não basta parecer ser séria…

por: Eugénio Costa Almeida©

Depois da queda do “Muro de Berlim” e do advento da democracia pluralista em África, era sentimento geral que, embora ninguém acreditasse que os ventos da mudanças fizessem logo efeito – em outras partes duraram décadas para se afirmarem – esperava-se, ao menos, que paulatinamente essa mudança minimamente assentasse nos jangos e nas roças da vida africana. Passou já mais de uma dezena e meia de anos desde que a maioria dos Estados africanos adoptaram a democracia pluralista. E o que se observa e se objectiva? A presença de uma cada vez maior afirmação de um despotismo iluminado, a confirmação da supremacia de certos partidos sob a capa de liberdade política, a existência de uma cada vez maior conexão entre a política e a economia, a manutenção, apesar de “ilegalizada” pela União Africana, de Golpes de Estado e Intentonas militares, fazem prever que uma pseudo-democracia bem autocrática está firmemente implantada em África. Por exemplo, o prémio Mo Ibrahim para “boa governação” e que premeia os presidentes africanos que abdicaram democraticamente do poder, não tenha conferido a nenhum antigo líder este ano. As razões, talvez as encontremos nas palavras do presidente ugandês, Yoweri Museveni, quando terá afirmado “Cinco milhões de dólares para mim não é nada. Cinco milhões de dólares é como uma mesada!”. Pois é precisamente este o valor pecuniário do Prémio Mo Ibrahim a ser pago em tranches anuais de 250 mil dólares. Ora quando um estadista africano, que quando chegou ao poder, em 1986, afirmava que um presidente africano só deveria manter-se no poder durante dois mandatos, e faz uma afirmação destas, pode-se afirmar que, no mínimo, é chocante e… desmotivante! É que à mulher de César não basta parecer ser séria… Mas não esta situação não será única. Alguns líderes africanos, começam a querer copiar as ideias sul-americanas de alterar as Constituições nacionais para que os seus mandatos sejam “estendidos” enquanto outros, fazem interpretar as Constituições vigentes ao sabor dos seus caprichos e interesses pessoais e económicos. Sabemos que há presidentes que promovem “atentados” jurídicos contra opositores que desejem intrometer-se nas actividades económicas, algumas existentes ainda antes das suas actividades presidenciais e outras já auferidas no decorrer da magistratura. Em qualquer dos casos, se juridicamente poderá não haver nada que obste essa coexistência, moralmente ela é incompreensível porque nada impede de se pensar que a mais Alta Magistratura não concede vantagens previsíveis em disputas económicas. É que à mulher de César não basta parecer ser séria… E no que toca às Constituições verifica-se que a grande maioria delas têm sido alteradas – ou impedidas de serem alteradas – ao sabor dos interesses dos partidos majoritários quando, conseguem, de forma legítima ou erroneamente, obter as necessárias maiorias qualificadas. A grande derrota do Congresso Nacional sul-africano (ANC) foi não ter conseguido obter a maioria qualificada que lhe permitiria mudar a actual Constituição criada durante o período transitório entre o Apartheid e o “Arco-íris” tão defendida por Mandela. Em Angola, Isaias Samakuva, líder da UNITA, denuncia que o MPLA quer fazer aprovar uma Constituição à sua maneira e vontade – e à imagem de alguns dos seus principais e efectivos líderes, acrescento eu, – desprezando a vontade dos restantes partidos políticos. O que queria Samakuva fazer, quando permitiu que o MPLA, que à entrada das eleições temia só obter uma escassa maioria absoluta, quase tenha conseguido implodir os restantes partidos, incluindo a UNITA. Terá havido fraudes, é possível; o dinheiro e o poder esta(á)va todo no MPLA. Mas também em Cabo Verde ele estava quase totalmente nas mãos do PAICV e não foi por causa disso que o MpD, de Carlos Veiga e António Mascarenhas Monteiro, tenham vencido as primeiras eleições multipartidárias. Como em STP, diga-se, o MLSTP detinha o poder quase total e viu-se ultrapassado por outros partidos e coligações. É certo que à mulher de César não basta parecer ser séria… M não basta só falar. Há que agir de forma que o poder ser melhor redistribuído. E para isso é necessário carisma e afirmação política que parece faltar a muitos dos opositores nas maiorias qualificadas. Veja-se o caso de Moçambique. Quando esta crónica for publicada já terá havido as triplas eleições moçambicanas e se saberá se o novo MDM conseguiu impedir a “frelimização” do País e se a RENAMO conseguiu sobreviver às conquistas económicas e sociais da FRELIMO, como, por exemplo, a manutenção de uma força policial mais forte e melhor apetrechada que as Forças Armadas, uma coexistência promíscua entre a economia e a política onde se constata que apesar das críticas e condenações públicas, nomeadamente sobre a corrupção, alguns dos principais dirigentes nacionais são também eles líderes ou têm importantes interesses nas principais empresas moçambicanas. É claro que à mulher de César não basta parecer ser séria… E como se explica, por exemplo, que constitucionalmente um dirigentes não tenha idade para ser líder máximo de um País, tenha obtido essa liderança por via indirecta e, apesar de criticados pelos seus pares e pela União Africana, ainda se mantenha no poder, beneficiando, talvez, da sua insularidade. Ou que um militar que tomou o poder após a morte do Presidente devido, segundo aquele, necessitar de impedir que o País caísse nas malhas do narcotráfico como, eventualmente, acontecia com o seu vizinho do nor-noroeste, assumindo o dever de, posteriormente, devolver o poder – através de eleições – ao poder político e se constatar que vai tentar perpetuar-se na cadeira presidencial através de fraudulentas eleições. A União Africana critica nos dois casos mas, com que legitimidade se o seu presidente em exercício mantém-se num cargo há décadas e obtido por via de Golpe de Estado e não demonstra vontade de sair? E como se justificam as súbitas “transacções” populacionais quer dentro dos próprios países, nomeadamente, no leste da República Democrática do Congo, quer entre este e os seus vizinhos, com especial destaque para Angola. E como é que um putativo ensaísta com um hipotético Prefácio de Madiba – que tudo indica nunca o terá escrito – surge também ele a expulsar angolanos ao mesmo tempo que coloca partes substanciais do seu território à venda em quase hasta pública para, afirmam, ser agricultado. E com benefícios para quem? Refiro-me à República do Congo que, também ela, viu o poder ser alterado pela força das armas e com o beneplácito de um vizinho que ora hostiliza. Pois, realmente à mulher de César não basta parecer ser séria. Tem forçosamente de o ser! E nestas condições, cada vez mais parece que África continua a ser objecto de

escárnio da Comunidade Internacional apesar de, sempre que as conveniências sejam por demais evidentes, se vejam o Ocidente – que da China e da Índia, já é expectável há muito – vir aplaudir certas iniciativas. Principalmente se o petróleo estiver em causa… O Ocidente de onde veio esta máxima, por vezes e não poucas vezes, parece esquecer que à mulher de César não basta parecer ser séria… ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed.239, de 07-Novembro-2009, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>)